

40 ANOS DEPOIS DO SEU SURGIMENTO

HIV/SIDA infecta 1,7 milhão e mata cerca de 690 mil pessoas por ano

Notícias, Compromisso com os factos, 02.12.2020, Pág. 32, Col. nº 31.158

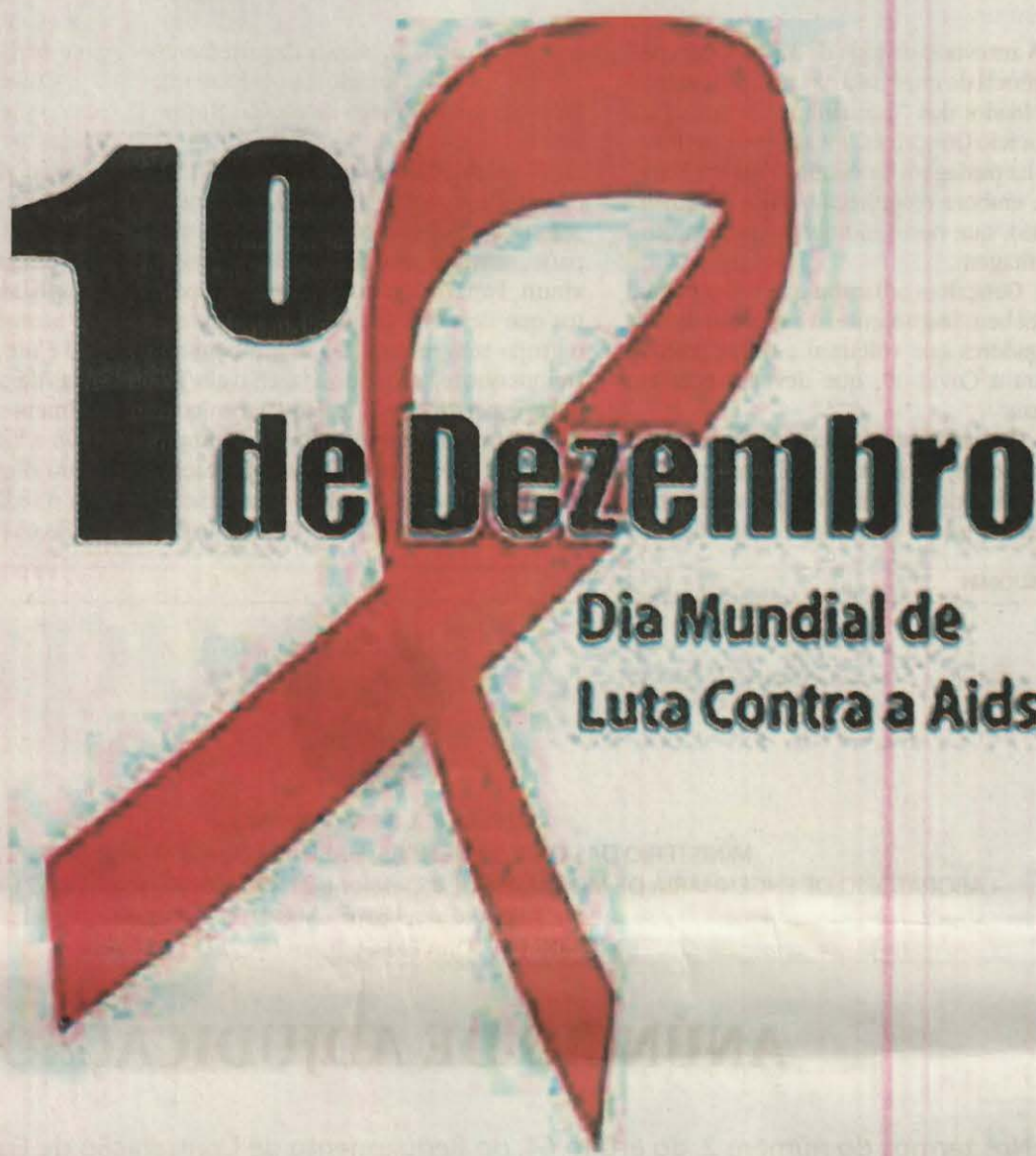
O SECRETÁRIO-GERAL da ONU, António Guterres, alertou ontem que “apesar dos sucessos significativos, a emergência da SIDA ainda não acabou” e que, quatro décadas depois, o HIV (o vírus causador da SIDA) ainda infecta 1,7 milhão de pessoas a cada ano e mata cerca de 690 mil.

Em mensagem alusiva ao Dia Mundial de Combate à SIDA, 1º de Dezembro, a ONU refere que a data serve como uma lembrança da necessidade de manter o foco numa pandemia global que ainda persiste quase 40 anos após seu surgimento.

Para o chefe da ONU, as desigualdades significam que aqueles que são menos capazes de defender os seus direitos ainda são os mais afectados.

Guterres afirma que “a Covid-19 tem sido uma chamada de atenção para o mundo”, mostrando que “desigualdades na saúde afectam a todos” e “ninguém está seguro a menos que todos estejam seguros.”

Segundo o secretário-geral, a resposta ao HIV tem muito a ensinar no combate à Covid-19. A comunidade internacional sabe, por exemplo, que é preciso eliminar o estigma e a discriminação, colocar as pessoas no centro da resposta e fundamentar as respostas



em direitos humanos e abordagens sensíveis ao género.

IGUALDADE
Guterres diz que “a riqueza

za não deve determinar se as pessoas recebem os cuidados

de saúde de que precisam” e a vacina contra o novo coronavírus e os tratamentos para o HIV precisam “ser acessíveis e disponíveis para todos, em todos os lugares.”

O chefe da ONU lembra que a saúde é um direito humano e a cobertura universal de saúde deve ser uma prioridade.

No Dia Mundial de Combate à SIDA, Guterres pede que o mundo reconheça que “para superar a Covid-19 e acabar com a SIDA, o mundo deve ser solidário e compartilhar responsabilidades.”

António Guterres pediu a

todos os países que aumentem os investimentos para combater o HIV e o novo coronavírus.

Num novo relatório, o Programa Conjunto da ONU sobre HIV/SIDA (ONUSIDA), apela aos países para que façam muito mais investimentos nas respostas globais à pandemia e adotem um novo conjunto de metas ambiciosas.

Se essas metas forem cumpridas, o mundo estará de volta no caminho para acabar com a SIDA como uma ameaça à saúde pública até 2030. - (ONU-NEWS)

EUA pede “cessar-fogo total” em Tigray

O SECRETÁRIO de Estado norte-americano, Mike Pompeo, pediu ao primeiro-ministro etíope, Abiy Ahmed, um “cessar-fogo total” e permissão para “acesso humanitário sem obstáculos” na região de Tigray.

“É essencial resolver o conflito em curso e manter a Etiópia no caminho da democracia”, disse Pompeo na sua conta da rede social Twitter, após ter falado telefonicamente com o chefe de Governo etíope e prémio Nobel da Paz (2019), que se tornou um “senhor da guerra” e que, no sábado, proclamou a vitória militar sobre as forças dissidentes na região de Tigray.

Abiy Ahmed lançou em 4 de Novembro uma operação militar na região de Tigray (norte do país), após meses de tensão crescente com as autoridades regionais da Frente Popular de Libertação do Tigray (TPLF, na sigla em inglês).

Desde então, a região tem sido palco de ofensivas militares por ambas as partes, com o disparo de foguetes e de incursões para a captura

VÍTIMAS DE VIOLAÇÕES SEXUAIS

HIV/SIDA está a aumentar entre

VÍTIMAS DE VIOLAÇÕES SEXUAIS

HIV/SIDA está a aumentar entre raparigas na África do Sul

O VICE-PRESIDENTE da África do Sul, David Mabuza, alertou ontem para a continuação do aumento de infecções pelo HIV, no país onde 7,6 milhões de pessoas vivem com o vírus, em particular raparigas dos 10 aos 14 anos.

“O nível de infecção continua a aumentar entre estas jovens. Existem muitos factores que estão na base deste agravamento, incluindo a nova epidemia da violência do género e a falta de acesso à educação, e nós [homens] somos parte do problema”, salientou o governante sul-africano.

Mabuza, que falava na qualidade de presidente do Conselho Nacional da SIDA da África do Sul (SANAC, na sigla em inglês), no Soweto, arredores de Joanesburgo, a propósito do Dia Mundial de Combate à Sida, destacou na sua intervenção a história pessoal de uma jovem adolescente sul-africana que contou ter sido violada aos 6 anos de idade.

Um estudo do SANAC, divulgado ontem, indica que o aumento do número de infecções por HIV se verifica entre jovens raparigas na faixa etária dos 10 aos 14 anos, a mais visadas por homens, segundo um porta-voz.

“O estudo feito em Tembisa [bairro negro nos arredores de Joanesburgo] indica que as jovens dos 10 aos 14 anos estão também a ser infectadas, e é preocupante porque não estão a ser infectadas pela falta de prevenção na transmissão de mãe para filha, cujo programa está a ser um sucesso na África do Sul”, salientou o porta-voz Steve Letsire.

“Precisamos que os homens parem de visar meninas jovens, porque estas meninas não fazem parte do seu grupo etário e não deveriam violar os direitos de jovens meninas”, adiantou ao canal de televisão sul-africano Newsroom Afrika.

Com 13,5% da população total infectada pelo vírus, a África do Sul continua a ter

o maior número de infectados com HIV no mundo, com cerca de 7,6 milhões de pessoas a viver com o vírus, sendo responsável por um terço de todas as novas infecções por HIV na África Austral, segundo as Nações Unidas.

De acordo com as autoridades sul-africanas de saúde, o país tem actualmente o maior programa de tratamento anti-retroviral do mundo, com cerca de 4,5 milhões sul-africanos em tratamento, salientando que 90% das pessoas que têm o vírus conhecem o seu sero-estado.

O Presidente da República Cyril Ramaphosa declarou na segunda-feira que, embora a África do Sul tenha feito avanços significativos na redução do número de mortes relacionadas com o HIV e de novas infecções, o país está longe de atingir a meta estabelecida em 2016 para reduzir em 75% o número de infecções por HIV até 2020. - (LUSA)